

## Arte e Maternidades

*por Carolina Rodrigues, Fernanda Correa  
e Roberta Calábria*

---

Em 1971, a historiadora da arte estadunidense Linda Nochlin publica a seguinte questão: “Por que não houve grandes mulheres artistas?”. A pergunta, retórica, é uma alfinetada em um sistema que silenciava, invisibilizava e impedia mulheres de, por diversos motivos, alcançarem sucesso, independência e retorno através de trabalhos artísticos. Hoje, quase 50 anos depois, este cenário é bem mais favorável, apesar de muito longe do ideal. Constituídas por privilégios, oportunidades e méritos diferenciados, é possível encontrar facilmente grandes mulheres artistas ao redor do globo. A legitimação de nomes de mulheres na tábua redonda do conhecimento e da produção artística ainda encontra muitos percalços, mas graças à resistência e insistência de movimentos feministas, não há estranhamento - ao menos no mundo ocidental - ao nos depararmos com artistas mulheres circulando nos meios e mercados de arte. Em termos proporcionais é possível considerar nossa presença muito aquém do almejado, mas conceitualmente falando, ser mulher não é mais um impeditivo ideológico demonstrável sem constrangimento.

Há, porém, um papel social cujo imbricamento com o “ser mulher” ainda beira o indissociável: mãe. O debate é extenso, complexo, e fissurado por interseccionalidades distintas, mas neste espaço tomamos a liberdade de parafrasear Nochlin e, motivadas por um estranhamento sentido, porém ainda bem pouco debatido, nos perguntamos “por que não há grandes artistas mães?”. Nitidamente nos apoiamos no mesmo tom de Linda - é sabido que elas existem - para instigar leitoras e leitores a identificarem o atravessamento deste papel social enquanto parte integrante essencial das identidades. Mulher. Artista. Mãe. E outros tantos locais de enunciação passíveis de tangenciamento na contemporaneidade.

---

Pesquisamos, conhecemos, estudamos grandes artistas mulheres que são mães. Se elas existem não é uma questão. É época de responsabilidade sobre os apagamentos naturalizados, e assim, nós, curadoras, enquanto mães que somos (também), sentimos-nos convocadas a provocar vocês para que possamos refletir conjuntamente sobre este contexto.

Os desdobramentos são muitos, bem como as sobreposições e oposições das condições maternas. Neste caderno especial vocês encontrarão textos autorais, entrevistas, obras e perfis de mulheres/artistas/mães. Mulheres cujas maternagens podem ou não ser suas interfaces de contato com o mundo e com seus trabalhos, mas para quem é impossível não reconhecer as implicações da condição de mães com os mesmos.

Quanto as curadoras, somos nós:

Carolina Rodrigues de Lima, historiadora da arte pela Escola de Belas Artes da UFRJ, integrante do Núcleo de Arte, Antropologia e Patrimônio (NAPA) e pesquisadora na área de Antropologia da Arte, atuando principalmente nos temas: arte popular, colecionismo e patrimônio. É educadora e atua de forma independente em curadoria e produção de exposições em centros culturais no Rio de Janeiro. Também é moradora da zona oeste do Rio de Janeiro e mãe do Rafael, então com 7 anos de idade, autointitulado artista plástico, que vem ocupando alguns centros culturais com suas telas.

Fernanda Correa, graduada em História pela UFF, mestre em História Social pela UFRJ e atualmente doutoranda em Arte e Cultura Contemporânea pela UERJ. Como professora substituta, integrou o departamento de História e Teoria da Arte da EBA/UFRJ (2015-2017) e o departamento de Teoria e História da Arte do IART/UERJ (2013-2015 e 2018). Também é colaboradora na Revista Desvio e mãe da Maya, de um ano e oito meses.

Roberta Calábria é bacharel em História da Arte pela UERJ, mestra em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP e atualmente doutoranda em Artes na UERJ, onde pesquisa as representações da maternidade na arte contemporânea ocidental a partir de conceitos como performatividade, diferença e hospitalidade. Roberta também é doula e ativista pela erradicação da violência obstétrica. Mãe do Miguel, de 7 anos, e do Vicente, de 5.

---

Logo no começo da ideia de fazer este caderno, percebemos que a qualidade do mesmo dependia intimamente da participação de olhares e vozes distintas, e por isso decidimos convidar mulheres mães artistas ou teóricas das artes para uma roda de conversa com a finalidade de trocar experiências e ter um panorama de questões que pudessem ser inerentes à condição da maternagem na carreira artística. Vocês podem ler mais sobre esta vivência na primeira parte do caderno, onde apresentamos as artistas que participaram e mostramos algumas obras das mesmas.

Além das reflexões resultantes desta roda, o caderno especial traz ainda uma entrevista com a artista e pesquisadora Roberta Barros. Roberta Barros é autora do livro *Elogio ao toque: ou como falar de arte feminista à brasileira* (2016), publicação resultante de sua tese de doutorado. Ela é mãe e na entrevista conta para a outra Roberta, a Calábria, sobre os atravessamentos destes papéis de mulher, mãe, artista e pesquisadora - bem como fala um pouco de suas obras que abordam mais diretamente o tema da maternidade.

Temos ainda uma lista, elaborada pela Fernanda Correa, com sugestões inclusivas para que a maternidade seja compreendida como um processo que acompanha as mulheres ao longo de várias etapas da carreira acadêmica e, por isso, é fundamental que essa comunidade tenha consciência e acolha devidamente essas pesquisadoras. No Brasil, quase não temos políticas públicas voltadas para as recém-mães no meio acadêmico, não existe qualquer tipo específico de bolsas de financiamento ou de pesquisa para as mulheres que retornam às atividades acadêmicas após a licença maternidade, para dar apenas alguns exemplos.

Carolina Rodrigues apresenta o Coletivo de Mães Ilustradoras, formado por Anne Brumana, Gabriela Moura, Gabi Domingues, Isabel Svoboda, Ana Kacurin e Sula Freire, que foram convidadas a conversar conosco sobre maternagens, processos de criação, militância e o mercado de arte.

Trazemos, também, o artigo “Querem seu colo de Madona: considerações sobre a representação do corpo materno”, de Joyce Delfim, bacharel em História da Arte pela UERJ, no qual desenvolve uma breve investigação da representação do corpo materno na história da arte.

Nós três, juntas, apoiadas pelo corpo editorial da Revista Desvio, celebramos a oportunidade de ocupar este espaço trazendo à tona as costuras entre artes,

---

pesquisa e maternidades. Reconhecemos a importância de tecer estas reflexões, ao mesmo tempo que apontamos a urgência em questionar a viabilidade da manutenção dos padrões de produção acadêmica e artística considerando a isonomia possível entre eles e as condições maternas de nossa conjuntura. Cientes das dificuldades com as quais nos deparamos durante o processo curatorial deste caderno, estamos confiantes de que, mesmo diante delas, temos uma senda transformadora. Testemunhamos e catalisamos a transmutação de um novo caminho, longo e árduo, sim, mas imprescindível até pouco tempo.

Encerramos com as palavras de Gloria Anzaldúa, estudiosa da teoria cultural chicana, cuja voz híbrida e escrita poética assumem o atravessamento cotidiano como único caminho possível para quem pensa o feminismo da diferença. Nos construímos nos pequenos espaços de manobra entre as interseções de nossos papéis e nós sabemos que, enquanto mães, estes espaços são ainda mais bagunçados e confusos, porém incrivelmente potentes.

Escrevam com seus olhos como pintoras, com seus ouvidos como músicas, com seus pés como dançarinas. Vocês são as profetisas com penas e tochas. Escrevam com suas línguas de fogo. Não deixem que a caneta lhes afugente de vocês mesmas. Não deixem a tinta coagular em suas canetas. Não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordanças abafar suas vozes. Ponham suas tripas no papel. Não estamos reconciliadas com o opressor que afia seu grito em nosso pesar. Não estamos reconciliadas. Encontrem a musa dentro de vocês. Desenterrem a voz que está soterrada em vocês. Não a falsifiquem, não tentem vendê-la por alguns aplausos ou para terem seus nomes impressos.<sup>1</sup>

Um forte abraço e até breve!

---

1 ANZALDÚA, Gloria. *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*, 1981.